

Autocompreensão cristã: diálogo das religiões

Andrés Torres Queiruga
São Paulo: Paulinas, 2007

Prof. Dr. Côn. Sérgio Conrado¹

O respeitável teólogo e filósofo André Torres Queiruga, professor no Instituto Teológico Compostelano e na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, acaba de nos brindar com uma oportuna publicação que vem preencher, sem dúvida, uma lacuna no que diz respeito ao diálogo entre as religiões. Autor de *Do terror de Isaac ao Abba de Jesus* (2001); *Recuperar a ressurreição* (2004) e *Esperança apesar do mal* (2007), na presente obra: *Autocompreensão cristã*, o referido teólogo aprofunda a grande problemática que hoje, devido à globalização cada vez maior, atinge todas as tradições religiosas: a sua particularidade, sua revelação e sua universalidade. Isso tudo à luz da autocompreensão cristã.

Queiruga consegue desenvolver a temática proposta com a sua conhecida desenvoltura e também com acentos provocativos, característica também dos seus escritos.

A linha de condução da obra é a comunidade formada por todas as tradições religiosas. Essa comunidade seria como que a resposta humana ao amor universal de Deus. A partir daí, o autor desenvolve sua reflexão mostrando que, quanto mais essa comunidade se tornar real e efetiva, tanto



¹ Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção/SP.

mais se aproxima do mistério de Deus. O diálogo entre as tradições religiosas é o caminho imprescindível para se atingir o objetivo proposto.

O desenvolvimento da temática é feito em três capítulos. Em um primeiro momento, é tratada a particularidade como um elemento hoje compreendido pela teologia e que a verdadeira universalidade só pode realizar-se através da mediação histórico-particular. Em outras palavras, uma religião só poderá ser realmente universal se chegar a sê-lo partindo do interior de sua particularidade.

Em um segundo capítulo, o autor reflete sobre a revelação que acontece nas religiões e até que ponto são definitivas em um sistema pluralista hodierno. Finalmente, o terceiro capítulo, à luz do desafio da auto-interpretação cristã, enfoca o tema do diálogo entre as religiões. Essa questão perpassa por todo o trabalho, mas aqui ganha um tratamento especial, uma vez que é, praticamente, o tema do livro.

O autor mostra que hoje há um novo clima e avanço no diálogo inter-religioso. No entanto, ele próprio não esconde seus temores sobre o ecumenismo e não há previsão, segundo ele, de que se possa chegar à unidade. Por outro lado, o encontro entre as religiões está vivendo uma nova fase. De uma humanidade que se está tornando cada vez mais planetária, pode-se esperar potencialidades inéditas a respeito do diálogo e do ecumenismo.

Trata-se, pois, de uma obra muito atual, exigente na atenção e compreensão dos termos bem como na problemática tão extensa, complexa e imprevisível como é o diálogo entre as religiões e a particularidade e veracidade de cada uma. Assim, o autor dá uma valiosa contribuição para entendermos um pouco mais a complexidade advinda de tantas tradições religiosas antigas e modernas.